

Salve Rainha! A Mídia Impressa Piauiense na legitimação dos movimentos culturais e suas produções de sentido¹

Rosa Edite ROCHA²

Lorena CALDAS³

Universidade Federal do Piauí-UFPI

Associação de Ensino Superior do Piauí-AESPI

Resumo

Este artigo busca promover uma reflexão a partir da análise comparativa da cobertura midiática das edições dos jornais Meio Norte, O Dia e Diário do Povo, referentes as publicações sobre o coletivo sociocultural Salve Rainha. Foi escolhido como corpus do trabalho as edições do mês de setembro de 2016, período em que se realizou a I Bienal do grupo. Utilizando de referenciais teórico-metodológicos para análise quantitativa (Análise de Conteúdo) e qualitativa (Análise de Discurso) e suas produções de sentido, a pesquisa visa detectar quantas vezes a imprensa local citou o evento através de notas, notícias, reportagens e fotografias jornalísticas; assim como a linguagem empregada, parcialidade e atividade simbólica. Nesse contexto, busca-se verificar se as notícias esclarecem o leitor acerca dos movimentos culturais, bem como a tentativa de apresentar possíveis vislumbres para o jornalismo cultural, visando fomentar os movimentos culturais locais. Deste modo, nota-se que mesmo com a reconhecida importância do evento para o cenário cultural da cidade, os jornais, de uma forma geral, não realizam uma cobertura satisfatória. Por fim, o estudo propõe uma análise comparativa dos conteúdos através da categorização das notícias conforme o gênero.

Palavras-chave

Mídia Impressa; Jornalismo Cultural; Discurso; Produção de sentido; Salve Rainha.

Introdução

A mídia tem um papel crucial na legitimação dos atores sociais e dos movimentos que reúnem interesses de grupos. Os veículos de comunicação, inseridos nesse cenário midiático, caminham ajudando a elaborar as representações e influenciam nos

¹ Trabalho apresentado no GT História da Mídia Impressa, integrante do 11º Encontro Nacional de História da Mídia.

² Mestre em Processos Comunicacionais pela Universidade Metodista de São Paulo-Umesp, especialista em História Cultural e Graduada em Comunicação Social pela Universidade Federal do Piauí-UFPI. Docente Temporária da UFPI e Docente Assistente e Coordenadora do curso de Comunicação Social da Faculdade do Piauí – Fapi e Associação de Ensino Superior do Piauí-Aespi. Teresina-PI. rosaedite@gmail.com

³ Graduanda da Universidade Federal do Piauí. Teresina-PI. loryscaldas@yahoo.com

direcionamentos futuros desses movimentos sociais e culturais. Por meio da função comunicativa, amparado por um contrato de leitura - conforme bem define Patrick Charaudeau (p.65, 2006) – as mídias produzem uma perspectiva sobre a realidade, reproduzem conhecimentos de outras instituições sociais em um processo sistemático de recriação. A relação dialética entre essa mídia e a sociedade, ao mesmo tempo em que faz circular as ideias, saberes e representações, é um mecanismo duplo de acessar os sentidos e controlar os critérios de sua construção, com forte poder argumentativo, disseminado nas narrativas midiáticas, as quais, ao mesmo tempo em que delineiam a vida social, são delineadas por ela. Esse pensamento é, também, corroborado por Moscovici (1978), quando este afirma que a mídia é produto de um diálogo social e ambiente de circulação das representações sociais.

Presentes em todas as sociedades e inerentes à própria condição humana, essas narrativas fazem mais que relatar uma sequência de eventos, elas revelam a relação entre o indivíduo e a cultura, contribuem para manutenção ou abandono de práticas e valores. O jornalismo cultural, pensando neste contexto, situa-se numa zona heterogênea de meios, gêneros e produtos que abordam com propósitos criativos, críticos ou de mera divulgação os campos das artes, das letras, das ciências humanas e sociais, envolvendo a produção, a circulação e o consumo de bens simbólicos.

Sob essa perspectiva, este artigo propõe a reflexão sobre o tipo de jornalismo cultural praticado nos principais jornais da cidade de Teresina (Meio Norte, Diário do Povo e O Dia) através da análise comparativa de inserções jornalísticas referentes ao Coletivo Sociocultural local conhecido como Salve Rainha, movimento nascido em fevereiro de 2015. Como corpus analítico, foram escolhidas edições do mês de setembro de 2016, período em que se realizou a I Bienal do grupo.

O primeiro passo para esta investigação foi fazer uma pesquisa bibliográfica sobre jornalismo cultural, processo de midiaticização e responsabilidade social da mídia, baseando-se nos seguintes autores: Coelho (2007); Moscovici (1978); Piza (2007); Sodré (2009) e Williams (2011). A partir dessa construção teórica foi possível fazer a análise de conteúdo em função do fato de que esta técnica permite a descrição sistemática, objetiva e quantitativa das informações. Em seguida, buscamos analisar qualitativamente três das matérias encontradas, uma de cada jornal, com o intuito de enxergar as escritas jornalísticas

e os discursos propostos pelos responsáveis editoriais das publicações. Para isso, trabalhasse com as teorias discursivas de Charaudeau (2006); Maingueneau (2008) e Pinto (2002).

Reflexões sobre o Jornalismo Cultural

A partir do século XIX surge um novo jornalismo, com objetivos diferenciados do que, até então, era eminentemente político. Eram mais populares que os demais, predominantemente noticiosos, menos opinativos, politicamente independentes, com baixo custo, discurso simples e acessível. A partir desse momento, os jornais passam a ser encarados como um negócio que pode render lucros, visando, principalmente, o aumento das tiragens. A grande novidade é fornecer ao público fatos e não apenas opiniões. Dessa forma, é possível notar uma lógica comercial. Bourdieu (1997) destaca que:

Por meio do índice de audiência, é a lógica do comercial que se impõe às produções culturais. Ora, é importante saber que, historicamente, todas as produções culturais que considero – e não sou o único, espero – que certo número de pessoas considera como as produções mais elevadas da humanidade, a matemática, a poesia, a literatura, a filosofia, todas essas coisas foram produzidas contra o equivalente do índice de audiência, contra a lógica do comercial (p. 38, 1997).

E essa lógica comercial chega, inclusive, ao Jornalismo Cultural. Aqui, essa relação é vinculada diretamente ao cinema, ao teatro, à literatura, às telenovelas, dentre outros, no sentido de espetacularizar esses segmentos no complexo midiático, convencendo-os como de caráter cultural. Kellner (2001) defende que vivemos num mundo no qual a mídia domina o lazer e a cultura e, de forma dominante, define o lugar da cultura nas sociedades contemporâneas.

Já no jornalismo cultural contemporâneo existem algumas lógicas determinantes para a circulação de notícia que vão além da agenda, do imprevisto ou do chamado furo jornalístico. Piza (2003) define o conteúdo que engloba este Jornalismo como sendo tudo que é considerado as “sete artes” (literatura, teatro, pintura, escultura, música, arquitetura e cinema), e que, a partir dos anos 90, alguns assuntos como moda e gastronomia ganham espaço, sendo, de certo modo, um acréscimo para o jornalismo cultural ao abrir suas fronteiras e reflexões acerca de novos hábitos sociais. Segundo ele, o jornalismo cultural possui três males: o excessivo atrelamento à agenda; a qualidade dos textos que pouco se

diferenciam dos *press-releases* e a marginalização da crítica, baseadas em “achismos”; onde o repercutir é o principal ponto.

É preciso ter em mente que o cidadão moderno é bombardeado por ofertas culturais e que é preciso um filtro jornalístico. Porém, os cadernos culturais estão cada vez mais superficiais. Walter Benjamin, filósofo pertencente a escola de Frankfurt, esboça isso, de certa forma, em “A obra de arte na era da reprodutibilidade técnica”, onde a arte, para ele, tornou-se produto de consumo instantâneo, sem reflexões.

Ainda sobre a questão da cultura no jornalismo, Coelho (2007) acrescenta que ela deve estar ligada diretamente aos valores, e estes à ideologia. Já que existe uma concepção de multiculturas, segundo o referido autor, o que define o que é ou não Jornalismo Cultural são os valores aos quais ele está ligado. Entretanto, é Coelho (2007) que ainda ressalta a situação delicada de tratar dessa questão na contemporaneidade, já que valores relativos a classes sociais, território e identidade nacional, por exemplo, modificaram-se muito na segunda metade do século XX.

É preciso que o jornalista cultural reveja os valores habituais e busque sintonizar-se com as reais tendências atuais, aquelas que se manifestam na prática e na vida cotidiana das pessoas. Para tanto é preciso ser capaz de detectar as orientações culturais do seu tempo. “O bom jornalista cultural deve assumir como ponto de partida a ideia de que é preciso pensar sempre de outro modo, que é preciso ver uma questão sempre pelo outro lado, pelo lado que não está sendo visto, pelo lado oposto ao do hábito cultural” (COELHO, p.25, 2007)

Movimentos sociais e culturais na mídia

O passo fundamental na aprendizagem da atuação no jornalismo cultural é compreender o papel social do jornalista que atua nessa área – o de mediador sociocultural. É ele o responsável por pesquisar, entrevistar, apurar, selecionar e codificar de forma clara as informações que envolvem o fato em questão. Como bom mediador o jornalista deve aprimorar sua habilidade de pesquisa, apuração e investigação, além de sua capacidade reflexiva para identificar, de forma rápida, acontecimentos publicamente relevantes. Cabe a ele traduzir uma realidade complexa em formas simbólicas acessíveis, deve explorar toda a riqueza do fato ou pessoa em questão sem perder de vista a capacidade de dar comunicabilidade à representação simbólica do acontecimento.

Neste sentido, o jornalismo cultural cumpre, simultaneamente, uma função informativa e poética na vida dos sujeitos. É sua habilidade tocar a integridade das pessoas que, ao buscarem essa seção, ou essa especialidade do jornalismo, estão à procura de um conhecimento sensível e reflexivo.

Nesse sentido, Muniz Sodré fala de um “ethos midiaticizado”, sendo este entendido como “a consciência atuante e objetiva de um grupo social – onde se manifesta a compreensão histórica do sentido da existência, onde tem lugar as interpretações simbólicas do mundo – e, portanto, a instância de regulação das identidades individuais e coletivas”. (SODRÉ, 2002, p. 45). Nesse contexto, a mídia deixa de ser um campo fechado em si e passa à condição de produtora dos sentidos sociais, tornando-se, portanto, essencial no processo de legitimação de movimentos sociais e culturais.

Quando Raymond Williams argumenta que a cultura é perpassada pelas práticas sociais, nos compete reconhecer que na sociedade atual essas práticas são atravessadas por interações midiaticizadas. Por isso, é importante que as diferentes expressões de cultura – e, porque não, expressões sociais - encontrem seu espaço na difusão de notícias. No entanto, o que se percebe hoje são questões outras influenciando direta e indiretamente no processo informacional. Isso porque, segundo explica Charaudeau (2006), o caráter organizacional da mídia permite com que ela trabalhe questões como comunicação e informação interagindo com as lógicas que a regem: a tecnologia, o caráter econômico e o simbólico.

"Lógica econômica e lógica tecnológica são certamente incontornáveis, mas é a lógica simbólica que nos interessa aqui: trata-se da maneira pela qual os indivíduos regulam as trocas sociais, constroem as representações dos valores que subjazem suas práticas, criando e manipulando signos e, por conseguinte, produzindo sentido. Não deixa de ser paradoxal, no final das contas, que seja essa lógica que governe as demais."
(CHARAUEAU, 2006, p. 16)

É exatamente pelo fato de se apossar dessas noções que dialogam com os valores simbólicos do grande público e integrá-las, que a mídia chama atenção de diversos mundos (político, científico, cultural, social, etc). Quando uma divulgação possui caráter cultural, essas lógicas não mudam. As matérias e reportagens ligadas a questões culturais devem, sobremaneira, para a grande mídia, estar ligadas à sociedade por um fato atual, algo que as façam chamar atenção, que remetam aos seus valores políticos e sociais. Não existe,

portanto, uma preocupação pedagógica desta mídia em reportar à sociedade aquilo que ela precisa tomar conhecimento a respeito das construções culturais no mundo.

Jornalismo Impresso Piauiense

Jornal Meio Norte

Fundado por Paulo Guimarães, o jornal pertencente ao Sistema Meio Norte de Comunicação, circula na cidade de Teresina e nas principais cidades do estado do Piauí desde o dia 01 de janeiro de 1995. Este periódico foi o primeiro a circular nas segundas-feiras, o que anteriormente não acontecia. É um jornal diário e tem formato Standard.

O primeiro caderno possui geralmente uma página de opinião, e editorias de política, polícia, uma sobre o Piauí, uma dedicada aos assuntos nacionais e outra a matérias internacionais, uma página para resumos (últimas notícias) e para esportes também. O segundo caderno do jornal, denominado Theresina, é normalmente dedicado a acontecimentos da cidade. O terceiro caderno é o Arte&Fest, que é relativo a assuntos culturais e possui a coluna social Inside; que na segunda-feira é agrupado no caderno de Negócios. O caderno de cultura Arte&Fest possui geralmente quatro páginas. O jornal conta também com suplementos, como o caderno ForTeens, dedicado para adolescentes, todas as quintas-feiras.

Jornal O Dia

O Jornal O Dia foi fundado por Octávio Miranda no dia 01 de fevereiro de 1951. É um jornal periódico pertencente ao Sistema O Dia de Comunicação que circula na cidade de Teresina e possui formato Standard. Tem como característica explorar assuntos relacionados à política e a questões locais. O periódico era inicialmente um jornal semanário, que em 1994 ganhou cores, passando por algumas transformações desde então.

O Dia disponibiliza diariamente o primeiro caderno, com três páginas dedicadas à editoria de política, uma titulada de Últimas, de Opinião e uma de Esporte. De segunda a sábado, o jornal traz o caderno Em Dia, que corresponde a notícias e eventos da capital, no domingo este caderno passa a ser chamado de Domingo e abriga às segundas-feiras o caderno cultural. O terceiro caderno, nomeado de Torquato, é publicado de terça a sábado.

Este, conta com três páginas destinadas a matérias sobre cultura e uma para coluna social. O jornal também possui suplementos, como os cadernos Metrópole, Estilo e Notícia da TV aos domingos.

Jornal Diário do Povo

O jornal Diário do Povo foi fundado no dia 27 de setembro de 1987 e atualmente pertence a Fábio Sérgio. Bastante conhecido pelo seu teor político, o Diário do Povo é um jornal periódico que circula na cidade de Teresina e possui formato Standard, que recentemente passou por uma inovação no projeto gráfico.

O primeiro caderno do Diário do Povo contém editorias de política, esportes e economia. O segundo caderno é denominado Cidades, referente às notícias relacionadas a capital e polícia. O seu terceiro caderno é o Galeria, dedicado a assuntos culturais na capital, possuindo quatro páginas das quais uma é dedicada a uma coluna social.

Coletivo Salve Rainha

O coletivo sociocultural denominado Salve Rainha nasceu em fevereiro de 2015, a partir da iniciativa de Júnior Araújo, Renata Reis e Márcio Estrela; visando criar o que eles chamavam de Café Sobrenatural experimental, que contasse com galeria de arte, música e culinária rotativa. Inicialmente o Salve Rainha contava com “ensaios” - experimentos do que, posteriormente viriam a ser as temporadas do coletivo; buscando testar as ideias e objetivos do grupo. O nome “Salve Rainha” vem da imperatriz Teresa Cristina, que originou o nome da capital piauiense, juntamente com a ideia de “salvar” Teresina, provocando-a, estimulando-a e desenvolvendo novos conceitos de cultura.

O principal objetivo do coletivo é revitalizar locais abandonados e negligenciados pelo descaso público e privado, dando uma nova perspectiva e ocupando estes locais com as mais diversas formas de arte. Em dois anos, o Salve promoveu um passeio à Praça Ocílio Lago, primeira morada do café Transcendental, passando pela rua climatizada e outros endereços no Centro da cidade de Teresina, como o antigo prédio da Câmara dos Vereadores que abrigará o Museu da Imagem e do Som Francisco das Chagas Júnior Araújo, homenagem a um dos fundadores do Coletivo. Inclusive embaixo da Ponte JK o grupo mostrou que, para promover a cultura da cidade, basta apenas força de vontade.

Atualmente, o Salve Rainha tem entorno de 35 membros, sendo alguns atuantes apenas em temporadas e outros que acompanham a rotina do coletivo, onde se desenvolvem pesquisas, discursos, criação de editais e divulgação das temporadas. O coletivo realiza seleções para novos integrantes no início de cada temporada, onde através de entrevistas analisam o voluntário, buscando conhece-lo e o encaixar no perfil do Salve Rainha.

Outra característica do grupo é a realização das temporadas somente aos domingos, procurando preencher a lacuna cultural existente na cidade neste dia, que resultavam na insatisfação dos habitantes que alegavam não ter o que fazer. Portanto, o movimento criou um evento que contemplasse e provocasse artisticamente a sociedade teresinense, os fazendo perceber além da rotina noturna que ocorre durante a semana, denominada “festa”; pois o coletivo afirma não ser uma festa, mas sim, uma tecnologia social de valorização do patrimônio histórico-cultural de Teresina, onde o propósito é a reflexão do evento. Outro pilar do grupo é também a economia solidária e criativa, visando desenvolver e apoiar microempreendedores dentro da feira do Salve, oportunizando o surgimento de novos produtos.

As atrações e os locais são escolhidas de acordo com a temporada e com o sentido musical, procurando dar visibilidade para música local piauiense, priorizando bandas autorais, escolhidas em forma de seleção, onde se analisam as músicas, levando em conta as letras, não aceitando discursos de ódio, machismo, homofobia, e etc. Não há patrocinadores, portanto, tudo é obtido por solidariedade; contando somente com o apoio da Secretária da Cultura e Prefeitura de Teresina.

I Bienal do Salve Rainha Café Sobrenatural

Em setembro de 2016, o Coletivo Salve Rainha comemorava seus dois anos de existência. E, para festejar o momento, organizou a I Bienal do Salve Rainha Café Sobrenatural, que aconteceu na Temporada de Primavera, no Parque da Cidadania, com a proposta de exaltar a cultura piauiense e a diversidade. Na Bienal, o grupo saudou uma rainha a cada final de semana (Rainha das Águas, Rainha do Sol, Rainha da Floresta e Rainha dos Raios) com exposições e produções audiovisuais, além de feiras, oficinas e atrações musicais. A Bienal aconteceu aos domingos, nos dias 04, 11 e 18, e no sábado, dia 24.

No penúltimo domingo do evento, uma polêmica repercutiu de forma negativa em redes sociais e refletiu nas publicações jornalísticas dos dias subsequentes. Um dos shows promovidos na Bienal gerou debates devido à nudez dos artistas no palco. A apresentação causou intensas discussões entre os teresinenses sobre as diferentes formas de manifestação artística e cultural, com vários grupos defendendo a performance dos artistas e outros tantos fazendo críticas negativas. O coletivo afirma que a repercussão foi polêmica por conta da programação, mas há um entendimento de que isso pode acontecer, já que há em sua proposta inicial a tarefa de transgredir e desmitificar as barreiras que impeçam a liberdade de cada indivíduo. Sua grande dificuldade, segundo integrantes permanentes do projeto, ainda é o apoio e a má interpretação da sociedade, tendo de explicar os propósitos e trazer a reflexões sobre o cenário local, como forma de reconhecimento e pertencimento de quem vive em Teresina.

De uma forma geral, quanto a veiculação dos eventos na mídia impressa, o coletivo consegue ter uma divulgação positiva dos trabalhos. Contudo, a preocupação em torno dos eventos é a imagem associada aos trabalhos do Salve que, por muitas vezes, é colocada como uma “festa”.

Somos muito gratos por todo veículo que consegue noticiar o Salve Rainha sem que a gente mande material e tudo mais; isso é totalmente involuntário, a gente não controla, não encaminha para nada. A gente tem muitos amigos, então isso sempre facilita a divulgação do evento. Mas o que nos preocupa é sempre essa questão de o evento ser levado como uma festa, entendeu? Das notícias do Salve Rainha estarem sempre lá, na sessão “eventos”, entendeu? E não é, é mais do que isso. São reflexões culturais, reflexões sobre quem somos, porque na verdade gente só sabe quem a gente é quando a gente conhece o lugar que a gente vive e vice e versa. Então, a nossa única preocupação é essa, é a forma como as pessoas compreendem; porque o jornalista ele tem um papel social muito importante, né? De formação da opinião pública; então, se o jornalista passa a informação levando em conta de que o Salve Rainha é uma festa, de que o Salve Rainha é um evento que vai ser bombástico...isso enfraquece o nosso movimento de certa forma, mas também traz uma visibilidade para que as pessoas possam ir e vivenciar e perceber que é muito mais que uma festa. (FORTES, 2017, e-mail)

O Coletivo e as publicações nos jornais locais

Análise quantitativa

Para trabalhar de forma descritiva e conteudística a mídia teresinense, na perspectiva de inserções jornalísticas voltadas para a cultura local, achou-se necessário trabalhar através da Análise de Conteúdo, metodologia das ciências sociais para estudos de conteúdo em comunicação e textos que parte de uma perspectiva quantitativa, analisando numericamente a frequência de ocorrência de determinados termos, construções e referências de um dado texto. Para Bardin (2009, p.51), a análise de conteúdo, enquanto método, torna-se um conjunto de técnicas de análise das comunicações que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens.

Para analisar de forma quantitativa as inserções jornalísticas ocorridas durante o mês de setembro de 2016, período de divulgação e realização da I Bienal do Coletivo Salve Rainha, foram pesquisados mais de 90 jornais impressos locais. No período analisado, todos os dias a partir do dia 03 de setembro, no caderno Torquato, do Jornal O Dia, na segunda página na lateral superior, eram colocadas notas lembrando sobre o “evento” na cidade, e sempre atualizando as datas com o passar dos domingos. Já nos dias 08 e 12 de setembro, além da nota no caderno Torquato, houve uma foto-chamada lembrando a Bienal.

Durante todo o período pesquisado foram encontradas 15 inserções nos três jornais locais, sendo duas no Diário do Povo, quatro no Meio Norte e nove no jornal O Dia. Dessas, duas eram chamadas de capa, duas notas e sete matérias, sendo que destas, três eram especiais de página inteira e em uma delas havia uma enquete com jovens sobre o evento.

O que se percebe é que a maioria das notícias que compõem a amostra contemplam a Bienal realizada pelo grupo através das falas dos mesmos integrantes, afim de também relatar a história da criação do coletivo e seus objetivos. Quanto às fontes, foram utilizadas a assessora jurídica que se pronunciou apenas uma vez e Jader Damasceno, integrante do coletivo que sofreu um acidente automobilístico em 2016, juntamente com Bruno e Júnior; assim como O Dia e Meio Norte utilizaram como fonte oficial Renata Reis, atual diretora do grupo.

Outro assunto abordado foi o caso correspondente ao acidente dos integrantes do Salve Rainha, relatando medidas policias e de trânsito, através da criação do projeto “Salve Segurança no Trânsito”. Além disso, houve repercussão causada pela programação do dia 18 de setembro, sendo este o foco de uma das matérias do jornal Diário do Povo. Nota-se, também, a presença da programação do evento em duas matérias do jornal Meio Norte. Em especial o jornal Meio Norte e O Dia, utilizaram fotos do ensaio do coletivo para a Bienal.

Tabela de notícias sobre o coletivo salve rainha

Período de análise: todo o mês de setembro

<i>Veículo</i>	<i>Inserções</i>	<i>Data</i>	<i>Localização</i>	<i>Tipo</i>
<i>Jornal Diário do Povo</i>	02	06.09.16	Caderno Principal Editoria Geral	Notícia com uma retranca
		24.09.16	Caderno Principal Editoria Geral	Notícia
<i>Jornal Meio Norte</i>	04	01.09.16	Caderno Forteens	Capa do Suplemento+ Matéria Principal
		01.09.16	Caderno Forteens	Enquete
		04.09.16	Reportagem	Página inteira com matérias casadas e informações adicionais
		26.09.16	Caderno Arte & Fest - Coluna Órbita	Nota
<i>Jornal O Dia</i>	09	04.09.16	Capa	Chamada de Capa
		04.09.16	Caderno MetrÓpole	Matéria principal do Suplemento
		06.09.16	Caderno Torquato	Coluna Prisma - Nota
		08.09.16	Caderno Torquato	Coluna “Eventos”- Nota
		17.09.16	Caderno Torquato	Notícia principal do caderno
		22.09.16	Caderno Theresina	Notícia na editoria EmDia
		24.09.16	Capa	Chamada de capa
		24.09.16	Caderno Theresina	Notícia na editoria EmDia
28.09.16	Caderno Theresina	Matéria de uma página inteira com box e matéria		

Análise qualitativa

Ao analisar de forma qualitativa as inserções jornalísticas da área cultural ocorridas durante o mês de setembro de 2016, observa-se que além da Bienal, outro foco também presente em algumas das matérias são os dois anos de trabalhos que o coletivo comemorou no período e a homenagem feita pelo grupo aos irmãos Bruno e Chagas Júnior (idealizador do coletivo), que faleceram no início do ano de 2016.

Na matéria do jornal Diário do Povo, percebe-se que o principal foco não é a Bienal, e sim, a homenagem feita aos integrantes que faleceram em um acidente de trânsito, pois através de falas de Jader Damasceno, a matéria faz uma suíte do ocorrido; não abordando o movimento em si, ou seja, explorando mais o lado judicial e político do acontecido. O tema da Bienal em si e suas ações sociais e culturais não foram exploradas em nenhuma das matérias publicadas pelo veículo.

O jornal Meio Norte tem como foco principal a representatividade e o nascimento do coletivo na capital, que será comemorado na Bienal. Sua fonte oficial foi a presidente do Coletivo, Renata Reis, que discorreu sobre todos os aspectos do evento em questão, desde seu nascimento até a memória dos integrantes falecidos; dando ao leitor que pouco conhece da trajetória do Salve Rainha, informações instigando-os a conhecerem os trabalhos. Vale ressaltar que o veículo também buscou interagir com os leitores através de uma enquete com as pessoas que frequentam os eventos do coletivo, na tentativa de oferecer aos leitores a visão de como a sociedade teresinense enxerga o coletivo e seus efeitos na cultura local.

O jornal O Dia buscou através de diversas matérias e formas abordar o sentido do movimento e sua Bienal, cobrindo desde o seu nascimento até pequenos lembretes diários sobre o Movimento em questão, servindo de convite à população; contudo, todas as matérias possuíam apenas a fala da Renata Reis, abordando as mesmas questões do Meio Norte. Dos três jornais, O Dia foi o único veículo a abordar, diretamente, a questão da polêmica envolvendo os cantores Leo Fressato e Ana Larousse que se apresentaram no terceiro domingo, inclusive buscando ouvir as partes envolvidas no caso. A mesma polêmica agora citada foi foco no Jornal Meio Norte, na Coluna Órbita. O tema em questão levou à diversas outras inserções de forma indireta, já que instigou uma reunião entre o

Governo Municipal e os representantes do Coletivo para debater sobre a organização e medidas de conduta dentro do Parque da Cidadania.

Se levarmos em consideração que a mídia é essencial no processo de legitimação de movimentos sociais e culturais - como é o caso do Coletivo Salve Rainha - bem como é uma das responsáveis pela elaboração do capital simbólico social; poderíamos convir que a forma como as informações estão sendo levadas pela mídia impressa para o grande público, em sua maioria formador de opinião, é, ainda, pouco elucidativa quanto aos objetivos principais do movimento. Desse modo, Pinto (2002) nos faz refletir sobre esse processo de comunicação, onde sociedade/cultura devem ser pensadas dialeticamente; levando em conta que através de uma interação cooperativa entre indivíduos que detêm controle total e consciente das regras a serem utilizadas – no caso, os meios de comunicação -, são capazes de contribuir no desenvolvimento dos processos de legitimação de movimentos sociais e culturais. Ainda nesse contexto, o autor ressalta que toda fala é uma forma de ação, sendo estas narrativas midiáticas, um modo de transformação e reprodução; aliando a ideia de discurso como prática social.

Uma característica observada é que a mídia local costuma utilizar as mesmas fontes oficiais na construção de suas matérias jornalísticas, o que acaba por formar um jornalismo de aspas, com pouca participação popular (no material coletado, há apenas um caso onde a opinião da população sobre o Coletivo é sondada). Há de se dizer, ainda, que parte do conteúdo veiculado pelos jornais é retirado das mídias sociais do Grupo, alimentada pelos próprios voluntários; bem como as fotografias utilizadas, que são enviadas por eles ou retiradas da mesma mídia digital. Essa pouca exploração jornalística pode tanto deturpar e tirar a credibilidade da informação que vai chegar ao público - já que acontece algumas vezes de em todos os jornais ter a mesma informação e fotografia publicada - quanto limitar a educação sócio cultural da população quanto aos objetivos do projeto.

Outro ponto a ser debatido é quanto a utilização frequente do termo “festa” quando se trata do evento social. Essa postura apresenta, claramente, um dos principais problemas do jornalismo cultural na atualidade, segundo Coelho (2007), onde o profissional não evolui junto com a sociedade, surgindo, daí a necessidade de elaborar por si mesmo e para si mesmo uma lista de valores que possam orientá-lo no trato da questão cultural contemporânea.

Conclusão

É inegável o papel e a influência da mídia na cultura e na sociedade. Porém, quando se parte do pressuposto que a mídia é também um dispositivo pedagógico e um dos agentes responsáveis pelas mudanças sociais e culturais de uma sociedade, é que percebemos que muitas vezes uma informação deixada de lado ou divulgada de uma forma superficial ou padrão, pode impedir o crescimento intelectual, social e de cidadania de uma população.

Localmente, nota-se que mesmo com a reconhecida importância dos movimentos culturais e sociais para o cenário cultural da cidade – onde a sociedade teresinense demonstra insatisfação para com os eventos culturais produzidos na capital - os jornais impressos analisados neste artigo, não realizam uma cobertura em sua totalidade satisfatória; deixando lacunas em muitos pontos à serem explorados e divulgados para a sociedade, colaborando para uma visão muitas vezes limitada e/ou redundante acerca das diversas manifestações culturais que brotam cotidianamente em Teresina.

Braga (2006, p. 39) afirma que a sociedade “não apenas sofre os aportes midiáticos, nem apenas resiste pontualmente a estes”, mas que ela “se organiza como sociedade, para fazer circular, de modo necessariamente trabalhado, o que as mídias veiculam”; deixando de ser uma operação individual para se dispersar na sociedade. Ou seja, os indivíduos também são responsáveis pelas produções de sentidos, mas estas se dão pelas apropriações vivenciadas pelos mesmos em seu lugar social, caracterizado por experiências de recepção e interpretação, demarcada por mediações socioculturais das mídias.

Percebe-se, portanto, que não há um silenciamento sobre o tema, pelo contrário, as mídias, de certa forma, divulgam os trabalhos realizados pelo Coletivo Sociocultural Salve Rainha. Porém, há uma concentração dos discursos sobre o tema e uma qualificação limitada sobre quem deveria falar sobre ele.

Referências bibliográficas

- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa-Portugal: Edições 70, LDA, 2009.
- BENJAMIN, Walter. **A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica**. In: ADORNO et al. Teoria da Cultura de massa. Trad. de Carlos Nelson Coutinho. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**: seguido de a influência do jornalismo e os jogos olímpicos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- BRAGA, José Luiz. **A sociedade enfrenta a sua mídia**: dispositivos sociais de crítica midiática. São Paulo: Paulus, 2006.
- CHARAUDEAU, Patrick. **Discursos das Mídias**. São Paulo: Contexto, 2006.
- COELHO, Teixeira. Outros Olhares. In: LINDOSO, Felipe (Org.). **Rumos [do] Jornalismo Cultural**. São Paulo: Summus/ Itaú Cultural, 2007.
- FORTES, Camila. [Mensagem pessoal]. Mensagem recebida por loryscaldas@yahoo.com em 20 mar. 2017
- KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia**. Bauru: Edusc, 2001.
- MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos de comunicação**. 5 ed. São Paulo: Cortez, 2008.
- MOSCOVICI, Serge. **A representação social da psicanálise**. Trad. Álvaro Cabral. Zahar, 1978.
- PINTO, Milton José. **Comunicação e Discurso**: introdução à análise de discursos. São Paulo: Hacker, 2002.
- PIZA, Daniel. **Jornalismo cultural**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2007.
- SODRÉ, Muniz. **Antropológica do espelho**: uma teoria da comunicação linear e em rede. 4 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.
- WILLIAMS, Raymond. **Cultura**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.